



CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2018

PROVA Nº 2 (PARTE II)

O CASO DA MORTE DE ELISA

Autor: Inspetor Boavida

O subchefe Pinguinhas tinha acabado de se refastelar no seu sofá preferido da sala de estar da sua nova casa, na baixa de Lisboa, após uma jornada intensa de trabalho quase ininterrupto de dez horas, iniciada às dez da manhã, quando o telemóvel tocou. Era o subintendente Pezinhos a pedir-lhe o favor de tomar conta de uma ocorrência registada naquela rua, três prédios acima do seu. O prédio em questão é composto por três andares, totalmente ocupado por uma conhecida empresa de pronto-a-vestir. No piso térreo funciona a loja dedicada aos últimos modelos de homem e senhora; no primeiro piso funciona um armazém aberto ao público com restos de coleção das épocas mais recentes para todos os géneros e crianças, destinados à clientela menos endinheirada; no segundo piso funcionam os escritórios da empresa; e no último piso, situam-se dois gabinetes, do sócio-gerente e da sua secretária, e uma sala para reuniões.

Ao chegar junto do prédio, Pinguinhas encontrou à porta da loja o sócio-gerente da empresa, um homem de boa aparência, elegante, alto e magro, moreno, de cabelo castanho claro e olhos verdes, com cerca de 50 anos, que se apresentou como Carlos Marques. Denotando algum nervosismo, levando constantemente o cigarro à boca, afirmou que tudo havia acontecido no terceiro andar, cerca de uma hora depois de a empresa ter encerrado ao público e quando todos os funcionários já haviam abandonado as instalações, à exceção da sua secretária, Elisa Fagundes. Ele tinha saído do seu gabinete por volta das seis e meia da tarde para atender um cliente que requisitara a sua presença na loja, no sentido de reclamar da maneira como fora atendido por um empregado do setor masculino. Resolvida a questão, e já algum tempo depois de encerrada a empresa, disse ter-se dirigido às traseiras do edifício para fumar um cigarro.

E foi aí, nesse preciso momento, que se terá confrontado com a queda da sua secretária no chão, que teve morte imediata. Estarrecido com a ocorrência, disse ter-se sentido completamente perdido, não sabendo o que fazer, pelo que decidiu ligar para o seu amigo Pezinhos, que lhe disse para não tocar em nada, o que assim fez, e que ficasse à porta da loja a aguardar pela chegada de um dos seus subordinados que morava nas proximidades. Sou eu – disse o Pinguinhas – sou vizinho da sua empresa há pouco mais de três meses e tenho ouvido alguns comentários sobre os seus grandes sucessos amorosos. Carlos Marques, que é um homem casado, pai de dois rapazes, de cinco e sete anos, ruborizou. Afirmou que esse tempo

das conquistas amorosas já lá vai há muito, sendo agora um homem completamente dedicado aos negócios e à família, sem tempo a perder com romances estéreis que apenas contribuem para acumular problemas.

O subchefe Pinguinhas disse concordar com aquela sensata decisão de Carlos Marques e depois pediu-lhe para subir com ele ao terceiro piso para ver o local onde Elisa trabalhava. Preferiu fazê-lo a pé e, ao passar pelos dois pisos intermédios, certificou-se de que ninguém estava nas instalações e que tudo se apresentava isento de indícios de associação ao ocorrido. Por fim, ao chegar ao gabinete onde trabalha a secretária do sócio-gerente da empresa, ficou parado, percorrendo os olhos por todos os cantos do espaço. Em frente, uma grande janela. As paredes laterais peçadas de alto abaixo de dossiês nas prateleiras das estantes. A meio do gabinete, sobre a direita, uma secretária com um computador, papelada variada, um copo meio de água, canetas... e um papel em cima do teclado do computador, com um texto manuscrito com letras trémulas: “Não aguento mais fazer mal a quem me ama tanto. E para quê, para ser desprezada por quem me perdi de amor e me faz sofrer? É melhor assim. Desculpem!”

O subchefe Pinguinhas abriu a janela e olhou para baixo. No chão, no enfiamento da janela, jazia Elisa, uma mulher jovem, interessante, com pouco mais de trinta anos. E ele não tinha dúvidas: fora dali que a pobre da secretária voara para o lajedo das traseiras do prédio! Virou-se para Carlos Marques e, de forma sarcástica, perguntou-lhe há quanto tempo tinha um caso com Elisa. O sócio-gerente da empresa continuava muito nervoso e não reagiu à pergunta. O subchefe insistiu com a pergunta, ao mesmo tempo que quis saber se a sua mulher sabia do caso. E, sem esperar pela resposta, acrescentou uma outra pergunta: “Sabe onde está agora a sua mulher?” O subchefe Pinguinhas já tinha uma ideia do que se teria passado naquele fim de tarde de um dia de verão de 2017, o que configuraria uma de quatro hipóteses. Qual está correta?

A – Suicídio.

B – Acidente.

C – Homicídio praticado pela mulher de Carlos Marques.

D – Homicídio praticado por Carlos Marques.

ENVIO DE SOLUÇÕES

Data limite: 31 de Março de 2018.

Endereços:

- × por correio electrónico para peessoa_luis@hotmail.com, luispeessoa@sapo.pt ou lumagopessoa@gmail.com;
- × por correio postal para Luís Pessoa, Estrada Militar, 23, 2125-109 Marinheiros.